

Contributo para a História do Teatro Escolar no Funchal: O Liceu Nacional do Funchal (1931-1963)



Revista Portuguesa
de Educação Artística

Contribution for the History of the School Theater at Funchal: The Liceu Nacional do Funchal (1931-1963)

Bruno Abreu Costa

Centro de História da Sociedade e da Cultura
Universidade de Coimbra
brunoacosta@portugalmail.pt

RESUMO

Este artigo¹ propõe tratar o teatro, em contexto escolar, durante o período do Estado Novo. Partimos dos Anuários do Liceu de Jaime Moniz, depois designado de Liceu Nacional do Funchal, e tivemos como limites temporais os mesmos que os Anuários apresentam: 1931-1963. Para esta análise, começámos por tentar compreender a importância e as características do teatro no regime ditatorial. Rapidamente, focamos o nosso estudo nas diversas artes e momentos de apresentação das mesmas, tais como as aulas de canto coral e as “Horas da Arte”. Após estes temas, estudámos o teatro escolar. Princiámos com uma análise sobre o teatro como método de aprendizagem, para depois abordar as várias representações realizadas no Liceu. De uma forma quase descritiva, mas não exaustiva, expusemos os principais momentos de apresentação das peças teatrais e as suas mais diversas características.

Palavras-chave: Liceu Nacional do Funchal; Estado Novo; Teatro Escolar; Horas da Arte; Récitas Liceais.

ABSTRACT

This article's purpose is the study of Theater in a school context, during the “Estado Novo”, in Portugal. Our main sources were the yearbooks from 1931 till 1963, produced by “Liceu Nacional do Funchal”, which was the high school's designation at that time. In order to do this article we began by studying the importance of theater and some of its characteristics, in that period of time. Then, we focused on the Arts, in this specific high school, analyzing the different moments of the presentation of its various arts, like the School Choir and “Horas da Arte”. Afterwards we centered in analyzing the recitals of the “Liceu”, in a non-extended study, but referring its main singularities. We ended by presenting a chart of all the plays represented in that specific period of time and place.

Keywords: “Liceu Nacional do Funchal”; “Estado Novo”; Theater in school; “Horas da Arte”; School recital.

¹ Gostaríamos de deixar, aqui expresso, os nossos agradecimentos à Professora Fernanda Freitas, pois, sem ela, este estudo não seria possível. A ela o nosso bem-haja.

Introdução

Um teatro amado e odiado. Melhor, um teatro imprescindível e temido. É esta a postura do Estado Novo perante as representações teatrais. Mobilizemos argumentos para compreender esta dicotomia constante. Um governo recente procura, tal como todos os outros nesta condição, manter-se no poder. Tal desejo é ainda mais urgente, num regime ditatorial, em que a necessidade do apoio das camadas populares é primordial. A procura dum ideal em unanimidade com a maior camada da sociedade portuguesa passa pelo reconhecimento do que o povo aprecia. E o povo nunca rejeitou um bom espetáculo. A presença das artes, neste novo regime, é detetada logo na Constituição portuguesa de 1933, cujo artigo 43^o afirma que as artes deveriam ser auxiliadas e incitadas.

No que concerne ao teatro, o Estado Novo procurou fomentar a representação através da atribuição de prémios literários, os designados Prémios “Gil Vicente”, atribuídos pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) e pelo Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), pela criação da companhia de Ballet Verde Gaio, pelo apoio à companhia teatral Rey Colaço/Robles Monteiro e, finalmente, pela criação do “Teatro do Povo”. Um espetáculo representado pelo povo, para o povo, com personagens e cenários populares, ilustrativo, pois, da ideologia ruralista de Salazar. Mais, diz-nos António Ferro que o “Teatro do Povo” consistia “numa tentativa modesta e sã que tem como objetivo principal espalhar um pouco de ensinamento, alegria e poesia pelas aldeias e lugarejos da nossa terra, pelas romarias, que são as grandes receções do povo, pelas cidades escondidas e solitárias” (*apud* Neto, 2001: 126). Um teatro feito para disseminar junto das camadas populares a visão de Salazar sobre o povo.

Apesar de tudo, não nos estranha a suspeição do regime perante a apresentação de peças teatrais, pois o teatro era, e ainda é, um espaço privilegiado para a reflexão sobre os costumes, para a crítica política e para o ajuntamento populacional. Não será o teatro de revista, tão vigoroso neste período, um símbolo do que acabamos de referir?

O sentimento de receio traz a necessidade de cerceamento. Desde 1927, com a instituição da Inspeção Geral de Espetáculos², está implementando o policiamento às peças de teatro cujo conteúdo não se coadunava com

as ideias do regime. A 28 de julho de 1936 esse controlo é incrementado com a publicação de uma circular prevendo que os ensaios de uma peça de teatro só deveriam ocorrer depois do texto ser aprovado pela Inspeção de Espetáculos (*apud* Neto, 2001: 128). Outras formas de o refrear foram de índole financeira: o Fundo de Teatro, debilitado desde a sua constituição, procurava incentivar o teatro de revista, mas o seu orçamento iria para onde o Conselho Teatral, órgão de decisão presidido pelo SPN, resolvesse. Por último, teremos de referir o preço dos bilhetes, exorbitante, que iria resultar na não frequência dos espetáculos pelas camadas inferiores da sociedade, ficando estes, assim, reservados aos burgueses.

Palco de costumes, *mimesis* da vida quotidiana. Era este o tipo de espetáculos que o Estado Novo pretendia apresentar, propagando a sua ideologia, o seu conceito de “cultura oficial”. Sinteticamente: um nacionalismo baseado numa história, quase romanceada, do país, preconizando o seu destino providencialista e colonizador, recheada de nautas e heróis guerreiros. Uma sociedade corporativa. Uma “sacralização de uma «*aurea mediocritas*» ruralizante” (Rosas, 1998: 259). Enfim, uma humilde arte de viver, que era transposta para peças de teatro idênticas umas às outras. Tal como nos diz Jorge de Sena: “única peça [...] com sempre o mesmo cenário, as mesmas deixas de patriotismo de coreto e de moral de sacristia” (*apud* Santos, 2001: 108). Peças onde atuava o regionalismo, a vida rural, a história providencialista, os nautas, os santos, os heróis, esboçando críticas inofensivas ao regime.

Esta seria uma cultura integrada no regime. Transcrevemos o artigo 43^o §2 da Constituição de 1933 para podermos compreender o cerceamento às artes e a necessidade de se coadunarem com a ideologia do Estado Novo: “As artes e as ciências serão fomentadas e protegidas no seu desenvolvimento, ensino e propagada, desde que sejam respeitadas a Constituição, a hierarquia e a acção coordenadora do Estado”. Podemos extrapolar e dizer: far-se-ia teatro quando e sobre o que o Estado quisesse.

Novamente insistimos: uma cultura integrada no regime. Como constatou Sérgio Neto, “as obras premiadas, mais do que apologéticas, antes, se integravam nos princípios propugnados pelo Estado Novo, numa toada conformista” (Neto, 2001: 119). Situação que se alastrava além do Prémio “Gil Vicente”. “Os prémios literários seriam, pois, distribuídos a obras e escritores que se integrassem no regime, ou seja, que estivessem de acordo com a consciência corporativista

2 Consulte-se o *Diário da República*, de 6 de maio de 1927, decreto n.º 13.564.

da conciliação de classes, com o nacionalismo, com o imperialismo colonial, com a divisa «Deus, Pátria, Família» (Torgal, 2009: 127).

Por tudo isto, o 25 de Abril de 1974 foi, para Carlos Porto, “como um acordar em terra firme após um longo naufrágio (...) o reencontro da luz após anos de escuridão” (*apud* Santos, 2001: 101).

É nosso desígnio dar a conhecer as artes, realizadas no Liceu Nacional do Funchal³, através das informações presentes nos seus Anuários, entre os anos de 1931 e 1963. E, num último ponto, chamaremos ao palco o teatro escolar, reportando-nos às peças apresentadas e a algumas das suas características.

Limitamo-nos a analisar os Anuários do Liceu Nacional do Funchal, hoje Escola Secundária de Jaime Moniz, por acharmos que as suas informações permitem reconstruir – em traços gerais – o quotidiano da vivência escolar, no período do Estado Novo. Outras fontes poderiam completar esta pesquisa, tais como os cadernos de “Actas de Sessões Solenes, Festividades e Conferências”, pertencente ao fundo da referida instituição conservados no Arquivo Regional da Madeira, ou os periódicos funchalenses deste período. Fontes complementares para este estudo, fundamentais para outros.

As Artes no Liceu Nacional do Funchal

O teatro não foi a única arte a ser executada no Liceu do Funchal. Muitas outras fazem parte da sua história. E só compreendendo a forma como algumas delas se desenvolveram é que iremos desembocar no teatro escolar.

Começamos com as aulas de canto coral. Estas faziam parte do currículo escolar desde 1870 (Correia, 2005: 489). No entanto, até 1900, não foram lecionadas no Liceu, facto que é comprovado pela ausência de matrículas nesta disciplina⁴. Três décadas depois, porém, já encontramos referência ao professor – o Capitão Gustavo Augusto Coelho – e às referidas aulas. A disciplina de canto coral irá manter-se até à data final do nosso estudo, 1963, sendo que ainda ao ano letivo de 1936/37 apenas era lecionada até à quinta classe. Após esse ano, a frequência era deveras irregular. Em

³ Reconhecemos as alterações de designação da referida escola. Desde 1919, designada de Liceu Central de Jaime Moniz, até à década de 1940, passando a designar-se de Liceu Nacional do Funchal. Pela maior abrangência temporal deste último nome foi, assim, utilizado, uniformemente, para designar esta instituição escolar.

⁴ Agradecemos ao Professor Hélder Teixeira esta informação.

alguns anos poderia ir até ao sétimo ano, em outros ao sexto, e, por vezes, intercalava entre estes dois.

Em relação ao espaço em que esta disciplina era lecionada, detetamos dificuldades em 1931 – “as aulas de canto geral continuaram a ressentir-se muito da má instalação do liceu, por não haver para elas uma sala especial” (*Anuário*, 1931/32: 37⁵). Tal situação foi resolvida com a construção do novo edifício – em 1942 – e a criação de uma sala especial para canto coral. Até 1948/49, foi unicamente o Capitão Gustavo Coelho a encarregar-se destas aulas, passando a dividir a sua leção em 1949 com Vera Teles. Gustavo Coelho estava ainda encarregado de dirigir o Orfeão e a orquestra escolar quando esta era requisitada, terminando as suas funções no ano letivo de 1951/52. Nesse mesmo ano, processou-se a divisão das turmas em masculinas e femininas, ficando o professor com os alunos e a professora com as alunas, tal como previa a regulamentação feita pelo Estado Novo. Outros professores passaram pelo quadro do Liceu, de entre os quais queremos destacar Adília do Céu Aires Miranda, que mais tarde dará apoio na realização de diversas peças de teatro, ficando ao serviço desde 1950/51 até 1958/59.

Já aqui referimos o Orfeão Académico. A primeira questão que colocamos prende-se com a capacidade de entender se este seria um agrupamento interno ou externo à escola. Pensamos que seria interno, devido às múltiplas ligações que o Orfeão e a escola possuíam. O Orfeão atuava no início e no fim do ano letivo e em todas as sessões, mais ou menos formais, que ocorriam no contexto escolar. Cantava, a uma, duas ou várias vezes, normalmente acompanhado por uma banda, músicas de cariz popular ou, como acontecia regularmente, o Hino Nacional. Encontrava-se dividido em maior ou menor – pelo menos a partir de 1936 – e masculino e feminino – desde 1950 –, fazendo este último parte da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF). Não duvidamos da existência de diferenças, mas como estudos a seu respeito ainda se encontram por fazer, não poderemos tecer qualquer comentário sobre o que distinguia estes orfeões.

Na grande maioria das vezes, o Orfeão Académico atuava nas “Sessões Camonianas” e no “Dia de Portugal”. Enquanto as primeiras realçavam a importância de Luís Vaz de Camões, na criação da identidade histórica do povo português, as segundas procuravam comemorar o país em que se vivia. As semelhanças nas celebrações são evidentes. A atuação do Orfeão, aquando das “Sessões Camonianas” consistia na

⁵ Por acharmos que o leitor encontraria mais facilmente, desta forma, a informação pretendida, decidimos colocar o título do livro em detrimento do seu organizador, Ângelo Augusto da Silva.

entoação de alguns poemas musicados, do hino nacional ou de hinos especialmente criados para o acontecimento⁶. Já as do “Dia de Portugal”, iniciadas a partir do ano letivo de 1956/57⁷, principiavam com uma palestra a que se seguia uma atuação do grupo coral⁸ ou uma representação teatral – tal como em 1958/59 e 1961/62 –, encerrando com o entoar do Hino Nacional.

Não foram esquecidas a cinefilia e as artes plásticas. Desde 1934, o Liceu promovia a projeção de filmes, tanto estrangeiros como nacionais. Observe-se que, até 1960, o aparelho, os filmes e o espaço eram cedidos ao Liceu, até ao momento em que foi adquirido um projetor H.S.M. e alguns filmes. Passavam-se filmes de cariz científicos, nomeadamente sobre biologia, mas eram principalmente os de temática geográfica e cultural aqueles que eram pedidos para serem projetados. Na “Semana das Colónias”, era certo haver uma sessão de cinema sobre o país – uma região em particular – ou relativa ao espaço colonial.

No que respeita às artes plásticas, elas tinham a sua expressão na exposição anual de trabalhos manuais. Inaugurada com a atuação do Orfeão ou do grupo coral da escola, começou por ter lugar no recinto escolar. Mas, a partir de 1953, passou a desenrolar-se no “Salão de Educação Estética”, da Mocidade Portuguesa.

Outra estrutura importante para a apresentação das artes no Liceu Nacional do Funchal foram as “Horas da Arte”. Promovidas por William Clode, na altura médico interino da escola, consistiam na apresentação de um espetáculo. Deparamo-nos, frequentemente, com a atuação de um grupo musical convidado, composto, por diversas vezes, por piano, violino e violoncelo; mas em outras situações apresentaram-se danças populares ou antigas. A 1 de dezembro de 1950, todos os alunos do sétimo ano, vestidos a rigor pela professora Judite Moniz, apresentaram oito danças, acompanhadas pela orquestra dirigida por Gustavo Coelho, tendo sido ensaiadas por Henrique Martins, um “amador”. Nesse mesmo ano, a 23 de maio, realizou-se outra “Hora da Arte”, desta vez com a execução de 13 quadros vivos. Os alunos figuravam como as personagens dos quadros, sendo acompanhados por música e pelas explicações de William Clode. Muitos dos quadros eram portugueses, mas também surgiam estrangeiros. Estas

“Horas” eram apresentações descontinuadas, não sendo executadas anualmente, e dependiam muito da presença de artistas estrangeiros na região.

Ao longo do período percorrido encontramos ainda diversas festas de encerramento e de abertura do ano escolar, comemorações, sessões e saraus musicais e literários e tantos outros eventos, nos quais alunos, professores e convidados se mostravam versados nas mais diversas artes, entretendo um público composto por pequenos e graúdos.

O Teatro na Escola

O teatro, enquanto presença nos *currícula* portugueses, dedicando-se a este uma determinada carga horária semanal, é uma invenção do regime democrático saído da Revolução de 1974. A esta atividade juntam-se a criação de grupos de teatro, com sessões extracurriculares, e organismos suprarregionais, tais como os Encontros de Teatro na Escola (ETE) e o projeto cultural PANOS – palcos novos, palavras novas. Dois projetos, o primeiro mais antigo e o segundo mais recente, que conjugam a apresentação de representações teatrais de um número reduzido de grupos de teatro escolar do país.

Conseguiríamos colocar um ponto primordial no teatro escolar, no que diz respeito à declamação como exercício pelos alunos, em 1870, fazendo parte da disciplina de Língua Portuguesa a recitação de textos em prosa e em verso (Correia, 2005: 489).

Quase seria necessário fazer uma apologia do teatro escolar, cujas características educativas e comunicativas permitem a todos os alunos desenvolverem-se, nas mais diversas áreas. Diz-nos Tito Amorim: “O teatro, como forma privilegiada de comunicar e refletir, sempre foi, desde há muito, utilizado pelos docentes nas escolas para motivar ou proporcionar momentos especiais na actividade discente e docente, enquanto passatempo, actividade lúdica ou didáctica. A componente didáctica era, nos anos do fascismo e da ditadura, aquela que era favorecida” (Amorim, 1995: 13).

Além do lazer, outras componentes educativas são atribuídas à frequência de um grupo teatral. Para começar, funciona como elemento de auxílio nas disciplinas de História e de Línguas. Permite obter conhecimentos a nível da dicção, entoação e colocação de voz, bem como aumentar o nível da capacidade de diálogo e argumentação. Estas têm sido características que os professores detetaram nos seus

6 Tal como em 1936/37, cantando um hino original composto de várias instâncias dos *Lusíadas*.

7 O “Dia de Portugal” representa a continuação das “Sessões Camonianas”, pois, após a sua instituição, estas sessões deixam de ocorrer, transferindo-se as suas atividades, como palestras e diversas atuações, para o “Dia de Portugal”.

8 Este grupo coral, tal como nas “Sessões Camonianas”, interpretava vários poemas musicados.

alunos que fizeram teatro (Santana, 1972: 25). Mais ainda: o teatro serve como catalisador da espontaneidade, da criatividade, da imaginação. Ajuda a lidar com o pré-conceito e a moldá-lo no momento de criar uma personagem. A estruturação de um grupo e a necessidade da interligação entre os diversos papéis, devido às relações entre as várias personagens, implica uma colaboração de todos os membros do grupo, reduzindo a competitividade abusiva, o egocentrismo e o isolamento. Por isso mesmo, promove o conceito de “nós”, em detrimento do “eu”. Também ao teatro escolar “compete prepará-los [os espectadores], criar-lhes o gosto pela atividade cênica, ensiná-los a ver, assistir, aplaudir” (Santana, 1972: 36).

Apesar de tudo, “o objetivo, nunca é demais repeti-lo, não é formar actores ou técnicos de teatro, mas sim consolidar processos de crescimento e maturação, desbloquear iniciativas criativas e fomentar o gosto pelas atividades artísticas nas suas várias modalidades” (Amorim, 1995: 52).

Teatro Escolar no Liceu

Como já foi referido, consideramos que a recitação de vários textos, de forma dramatizada, patenteia os primórdios da representação teatral nas escolas. No Liceu Nacional do Funchal, desde 1936, na “Festa das Solidárias da Primeira Classe”, realizada a 9 de junho, recitaram-se diversos textos. O ano de 1937/38, por seu turno, marca os primórdios das récitas liceais. Novamente no âmbito da “Festa das Solidárias da Primeira Classe”, que adquiriu esse nome pela sua vertente altruista⁹, foram realizados espetáculos que se tornaram autênticos incentivadores da atividade teatral na escola. Neste ano, a 4 de junho, foi recitado o poema *A Lenda das Margaridas*, pela aluna Irene de Castro, e foi representada uma pequena peça musicada, *Maria da Praça*, da autoria de Alice Ogando, interpretada pelas alunas do primeiro ano.

Só após a deslocação para o novo edifício, em 1942, e, provavelmente, pela maior facilidade na realização de espetáculos que ele permitia, devido à existência de um ginásio que podia ser usado para esse efeito, reaparecem as representações teatrais. O reitor, Ângelo Augusto da Silva, no ano de 1943, menciona anteriores peças teatrais ao afirmar: “a exemplo do sucedido nos anos anteriores, promoveu-se a realização de uma récita com a dupla finalidade de interessar e educar os alunos e de conseguir-se receitas para o

Centro nº 3 da MP” (*Anuário*, 1943/44: 64). No entanto, ao consultar os Anuários de anos anteriores não encontramos referências a essas representações. A peça desse ano letivo, apresentada a 12 de fevereiro de 1944 e repetida por duas vezes, no Teatro Municipal “Baltasar Dias”, esteve a cargo do vice-reitor, Lúcio de Miranda, que coordenou professores e alunos para a realização da opereta *A Leiteira de Entre Arroios*, com arranjo dos professores José Belchior e Gustavo Coelho. Após a peça, representou-se um ato de variedades, intitulado *Ciência Alegre*, que incluía canções e bailados.

Se neste ano de 1943/44 se apresentou apenas uma récita, no ano seguinte seriam duas. A primeira foi inserida nas comemorações da Restauração da Independência, a 1 de dezembro. Dirigidos por William Clode, os alunos representaram a comédia *As Ratas Sábias*, seguindo-se um auto de Natal e diversos monólogos, canções e danças. Já a outra récita foi composta por três partes: *Flor de Chá*, uma opereta em um ato, da autoria do professor José Belchior, com música adaptada de *Geisha*, comédia musical em dois atos composta por Sidney Jones e estreada em 1896, em Nova Iorque; a esta seguiu-se uma “fantasia infantil”, da autoria de Túlio Tomaz, professor do Liceu Pedro Nunes, em Lisboa; na terceira parte, apresentou-se um ato de variedades, *Ontem, Hoje e Amanhã*, organizado por Egídio Lino, um antigo aluno.

O ano letivo seguinte representou outro passo para o teatro no Liceu Nacional do Funchal, com o início da representação de peças pelo Magistério do Ensino Primário. Começamos por referir as récitas que estiveram a cargo dos estudantes do terceiro ano. Assim, a 22 de dezembro de 1945, as alunas apresentaram uma peça em um ato, *Nem Oito Nem Oitenta*, de Celeste Morgado, e os rapazes a peça *Médico à Pressa*, uma comédia de William Clode.

O Magistério do Ensino Primário – a funcionar no Funchal desde o final de 1943 – tinha a função de formar novos professores do ensino primário, ficando associado a três escolas primárias¹⁰. Apesar de ser um órgão externo ao Liceu, era no seu espaço que efetuava quase todas as suas atividades. Desta forma, seria impensável relegar para segundo plano a referência a uma atividade organizada pelo Magistério que certamente terá influenciado as récitas ocorridas na escola, a partir desse ano. Assim, a 26 de junho de 1946, representou-se uma comédia, intitulada de *O Sonho de Aninhas*, sobre assuntos escolares, seguindo-se um ato de variedades e um número de bandolim.

E se, até agora, contámos apenas momentos de estreia

⁹ Os proventos desta festa, sejam monetários ou materiais, como era o caso das roupas angariadas, eram distribuídos por diversas instituições de apoio social.

¹⁰ Uma masculina situada na Rua de Santa Maria e duas femininas, uma na mesma rua e outra na Estrada do Conde Carvalhal, cujos edifícios ainda permanecem.

de peças de teatro, o ano de 1946/47 apresenta-se profícuo nesse aspeto, pois foram representadas, no ginásio do Liceu Nacional do Funchal, nada menos que cinco peças. A primeira, comemorativa da Restauração, esteve a cargo dos alunos do quarto ano, orientados por José Belchior e Carlos Lélis Gonçalves, interpretando a peça *Ditosa Pátria, Minha Amada*. Este foi um ano de estreias. Como se demonstra pela primeira peça apresentada pelo Centro Lical da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF). Um teatro de revista – género que pela primeira vez ocorre no Liceu – orientado pela diretora do Centro, Helena Pires de Lima, e composto por quadros vivos e pela revista, escrita por Constança Pereira, uma aluna do sexto ano. Ao ser repetida, a 1 de fevereiro de 1947, foram substituídos os quadros vivos pela comédia *Abrço Fraternal*. Ano de estreias, como já o dissemos, por isso mesmo, segue-se a “Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano”, algo que ainda não tinha sido apresentado no Liceu Nacional do Funchal. Neste caso, são os alunos do referido ano a despedir-se da escola com uma atuação teatral. Depois, a 14 de maio de 1947, foi apresentada a peça *Similia Similibus*, de Júlio Dinis, uma pequena revista, *Na Ponta da Orelha*, de Calado Nunes, e um ato musical por um quinteto de alunos. O Magistério do Ensino Primário, por seu vez, preparou, para a festa de Natal, uma pequena peça, *Milagre de Natal*, escrita por um “aluno-mestre” do Magistério. Também os estagiários – alunos do segundo ano do Magistério – apresentaram a sua récita, a 31 de maio, intitulada *Aquarelas*, uma adaptação de um poema de Eugénia Rego Pereira, poetisa madeirense, contendo números de declamação, canto e dança, sempre acompanhados por uma orquestra.

No ano seguinte, 1947/48, manteve-se, quase, a mesma estrutura de representação teatral. Foi apresentada a “récita de despedida”, com a peça *Depois da Ceia dos Professores*, uma adaptação da *Ceia dos Cardeais* de Júlio Dantas, seguindo-se a pequena comédia *Na Boca do Lobo* e um ato de variedades com números cómicos, danças e canto. De igual forma, foi apresentada uma récita pelas alunas do primeiro ano, dirigidas por Maria Manuel Barbosa Mendes, a diretora do Centro Lical da MPF no Funchal, intitulada *A Gata Borralheira*, com texto de Virgínia Gersão. Já os estagiários, a 27 de junho de 1948, interpretaram *Andam Saudades no Ar*, da autoria de uma das alunas, Margarida Pereira Gonçalves Marques. Esta peça, composta por diversos quadros sobre a História de Portugal, continha elementos declamatórios, dança e canto. A novidade deste ano foi a apresentação da peça de Raul Brandão, *O Doido e a Morte*, pelos alunos do segundo ano, coordenada pelos professores José Augusto

Teixeira e Gusmão Teles.

A 30 de abril de 1949, foi apresentada a farsa *Está Lá?*, de André Brun, e a comédia de Eduardo Schwalbach – *Os Quatro Cantinhos* –, da qual faziam parte o professor Manuel Pereira Miguel e o diretor do terceiro ano Joaquim Rodrigues Lufinha. Ainda foram acompanhados pelos alunos do canto coral dirigidos por Gustavo Coelho. A assistência foi numerosa, dando possibilidade à repetição, e gerou 1 800\$00 para a cantina liceal. Já a “Récita dos estagiários”, apresentada a 6 de junho, era designada de *O Tesouro das Manas Cunhas*. Escrita por William Clode, era uma peça, em três atos, musicada – para o que contaram com o apoio da orquestra –, de temática religiosa, intercalada por dança e canto. As receitas obtidas, num total de 3 590\$00, foram distribuídas pela Mocidade Portuguesa e pelas escolas anexas ao Magistério.

Em 1949/50, é introduzida outra inovação. Além da “Récita do Centro Lical da MPF” – a *Prima da América* –, a da “Despedida” – *Lá Vão Eles* – e a dos “Estagiários” – *As Duas Cartas* –, foi apresentada pela primeira vez a “Tarde Infantil”, uma iniciativa do Magistério, para entreter os alunos das escolas primárias. Nesse ano foi interpretado o ato infantil *Bonecos*, pelas crianças, e *A Avozinha* e *A Lição do Tonecas*, pelos “alunos-mestres”. Esta iniciativa funcionou interruptamente até 1963, apresentando às crianças histórias infantis conhecidas, tal como o *Capuchinho Vermelho* (1950), *Branca de Neve e os Sete Anões* (1951), *Histórias da Carochinha* (1952) e outros contos destinados a instruir.

No ano de 1950/51, é a primeira vez que Adília do Céu Aires Miranda, professora de canto coral, coordena uma récita, a “Festa das Alunas do 1º Ciclo”, apresentando a comédia *Quatro Libras por um Quarto*. Já os alunos do sétimo ano representaram duas comédias: *Um Casamento Auspicioso* e *A Arte de Ser Cinéfila*, seguindo-se diversas repetições. A “Tarde Infantil”, nesse ano, consistiu na interpretação da peça *O Capuchinho Vermelho*, numa versão musicada, seguindo-se o ato *Portugal*, com três quadros base: “Egas Moniz e a sua família”, “D. Leonor de Aragão” e a “Universidade de Coimbra”, cuja encenação foi apoiada por William Clode e Henrique Martins. Os estagiários apresentaram, a 26 de julho de 1951, a sua interpretação da opereta *Palavra de Rei*, da autoria de César de Lacerda e Carlos Bramão, e dirigida por William Clode e Adília Miranda.

O ano letivo de 1951/52, a nível teatral, começa com a representação da fábula *O Caminho é por aqui*, da autoria de António Couto Viana, a 1 de dezembro – integrada no

teatro da Mocidade Portuguesa –, orientada por William Clode e inserindo-se no “Sarau Artístico-Literário”, que ocorreu nesse ano. Em 1952, porém, não foi apresentada “Récita de Despedida”, terminando-se o ano com a “Récita dos Estagiários”. A 21 de junho de 1952, no Ginásio do Liceu, foi representada a peça *Morgadinha da Ponta do Sol*, uma adaptação, pela professora Maria Teresa Acciaouli Homem de Gouveia, da obra *A Morgadinha de Val-D’Amores*, de Camilo Castelo Branco.

A 7 de abril de 1953, dirigidos por António Cardeal Nunes, os alunos do sétimo ano representaram, na sua “Récita de Despedida”, *O Fidalgo Aprendiz*, uma obra de D. Francisco Manuel de Melo. A adesão foi tão intensa que tiveram de repetir duas vezes, a 18 e 26 de abril. Note-se a inexistência, neste ano, de qualquer “Récita dos Estagiários”. Seria este um prelúdio do que iria acontecer de seguida?

A escolha do autor para a “Récita de Despedida”, no ano de 1953/54, recaiu, tal como no ano anterior, num clássico do teatro português, desta vez Gil Vicente. Assim, a 20 de março, no Teatro Municipal, foi representado o *Auto de Mofina Mendes* e um número de variedades, com canto e dança. Novamente, este espetáculo de índole clássica teve encenação do professor de Português, António Cardeal Nunes. Neste ano, voltou a apresentar-se um espetáculo levado à cena pelos estagiários do Magistério. No Ginásio do Liceu, a 16 de junho, realizaram-se duas pequenas peças: *Perdoi-lhe... Meu Deus*, de Miguel Simões e, novamente, *As Ratas Sábias*. Apesar de repetida, sabemos que não foi muito rentável.

Com o objetivo de celebrar o centenário da morte de Almeida Garrett, a 14 de abril de 1955, os alunos representaram cenas da peça *Frei Luís de Sousa*, perante toda a comunidade escolar. Ainda em abril, mais propriamente no dia 26, efetuou-se a “Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano”. Começou por ler-se um trabalho de Baltasar de Andrade Gonçalves, intitulado *A Evolução do Teatro em Portugal*, seguindo-se a representação da peça *Assembleia ou Partida*, de Correia Garção. Mas este ano marcou o fim de um espetáculo: foi a última vez que os alunos-mestres do Magistério do Ensino Primário apresentaram uma peça a celebrar o final do curso. A 11 de junho de 1955, no Ginásio do Liceu, foram interpretadas duas pequenas peças: *Não há Rosas sem Espinhos*, do Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira, e *As Duas Gatas*, com uma adaptação de Vicente de Abreu.

A “Récita da Despedida”, realizada a 30 de março de 1957, foi, novamente, coordenada por António Cardeal Nunes.

Principiou-se por uma palestra sobre o teatro em Portugal e, seguidamente, foi apresentada a peça *Suave Milagre*, uma adaptação do Conde de Arnoso da obra homónima de Eça de Queirós. As receitas, que desconhecemos, serviram para custear a viagem de finalistas à ilha de Gran Canaria.

A partir do ano subsequente, 1957/58, encontramos uma inovação com o início do “Sarau Teatral”. No primeiro dia de dezembro de 1957, por iniciativa do Centro nº 3 da Mocidade Portuguesa, foi representada a peça *Era uma vez um Dragão*, de António Couto Viana. Seguiu-se um espetáculo de “figuras animadas” da autoria de Alberto Vieira da Ascensão, designado de *Restauração*, tendo os alunos dos primeiros anos a função de movimentar e pôr a falar as diferentes figuras. Nesse ano, os alunos do sétimo ano tiveram um trabalho redobrado. Além da já comum peça teatral – *As Sabichonas*, uma tradução de António Feliciano de Castilho da obra de Molière, *Les Femmes Savantes* – e do ato de variedades – *Caleidoscópio*, com números humorísticos e de dança –, representaram um quadro do *Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente, sendo todos estes momentos de espetáculo ensaiados por Carlos Lélis Gonçalves.

O ano seguinte foi profícuo a nível teatral. Cinco peças foram apresentadas em 1958/59. No “Dia de Portugal”, dirigidos por Carlos Lélis Gonçalves, os alunos apresentaram um *Auto dos Quatro Tempos*, onde figuravam personagens históricas portuguesas. Já no “Sarau Teatral”, realizado a 1 de dezembro de 1958, apresentaram um espetáculo de fantoches – *Aventuras de João Solnado e História da Carochinha* – e uma peça original da Mocidade Portuguesa, intitulada de *A Cigarra e a Formiga*. Já na “Récita de Despedida” foi representada uma peça de José Régio, *O Meu Caso*, um ato de variedades e, posteriormente, aquando da repetição, a peça *Uma Estrela Viaja na Cidade*, de Papiniano Carlos. Patrocinado pela “Comissão Organizadora das Festas da Cidade”, foi apresentada a peça *A Filha de Tristão das Damas*, do Major Reis Gomes. Orientados por Carlos Lélis Gonçalves, os alunos do Liceu e do Magistério atuaram mais do que uma vez no Teatro Municipal “Baltasar Dias”. Finalmente, o Magistério representou, na sua “Tarde Infantil”, *A Feiticeira Infeliz*.

Começamos o ano de 1959/60 com a comemoração do centenário da morte do Infante D. Henrique. Nessa cerimónia, além da palestra introdutória, foi representado um espetáculo denominado de *Aquarela Azul*. Retomando a famosa *Nau Catrineta*, criou-se uma peça com diversas cenas de evocação poética sobre a aventura marítima dos portugueses do passado. Orientada por Carlos Lélis Gonçalves, nesse ano

dirigente do Centro Nº3 da Mocidade Portuguesa, a festa culminou com a apresentação de um hino, cantado, cuja letra era constituída por estrofes camonianas. Em relação à “Récita de Despedida”, esta constituiu-se numa adaptação da *Guerra do Alecrim e da Manjerona* e *d’O Judeu* de António José da Silva, que teve tanta adesão que foi repetida quatro vezes.

No ano de 1961/62, o “Dia de Portugal” foi, de igual forma, comemorado com uma representação teatral. Desta vez, a 10 de Junho de 1962, foi levado à cena o *Auto do Capitão de Deus*, de António Couto Viana, acompanhado pelo grupo coral e coordenado por Carlos Lélis Gonçalves.

Já no último ano da nossa análise foram apresentadas três peças. Na “Tarde Infantil” do Magistério foi representada a peça *Condado Fugaz e Atribulado*, seguindo-se um ato de variedades e a atuação de um conjunto musical. Para comemorar o Natal, os mesmos “alunos-mestres” apresentaram *Jesus e os Meninos*. A “Festa de Despedida dos Alunos do 7º Ano” começou com um ato de variedades, seguindo-se a representação da peça *Auto de Justiça*, um original do Teatro Experimental do Porto, adaptado e encenado por Carlos Lélis Gonçalves, terminando-se a festa com a atuação do “Conjunto Académico João Paulo”.

Em suma, podemos dizer que os diversos espetáculos realizados anualmente eram de índole complexa, constituídos por duas ou três partes, incluindo teatros de revista, atos de variedades, atuações do grupo coral, do Orfeão ou de bandas, intervalados por danças ou canções. As peças escolhidas, maioritariamente de origem portuguesa, tinham de ter o seu texto submetido à avaliação prévia do conselho de professores. Decerto muitos deles coadunavam-se perfeitamente com a ideologia do Estado Novo. Encontramos, ao percorrer a lista de peças, temas de cariz regionalista/nacionalista e temas com uma religiosidade mais ou menos latente. Além disso, muitas delas eram escritas no contexto da Mocidade Portuguesa, tanto masculina como feminina, e dirigidas ou impulsionadas por esta organização.

Por fim, queríamos deixar gravado no papel os nomes dos principais impulsionadores deste teatro escolar no Liceu Nacional do Funchal; são eles: William Clode, Gustavo Augusto Coelho, Adília Aires Miranda e, por último, Carlos Lélis Gonçalves.

Conclusão

Chegámos ao fim com uma sensação mista de realização e de vazio. A primeira, por acharmos que o nosso objetivo inicial foi cumprido: a nossa pretensão de estudar as artes e, mormente, o teatro escolar, no Liceu Nacional do Funchal, foi alcançada. A segunda, porque sabemos poder melhorar este estudo recorrendo à comparação com outros Liceus. A historiografia raramente se preocupa com a temática teatral, principalmente em contexto escolar, que representa a génese de alguns atores, atrizes, autores e encenadores que palmilham o nosso país. E só através de novos estudos poderíamos avaliar a proficuidade do Liceu Nacional do Funchal em contexto nacional.

Pondo de lado as reflexões sobre tudo quanto falta fazer, procuremos resumir o que foi estudado. Consideramos que, durante o período em questão, o Liceu teve um papel fundamental no incremento cultural da sociedade funchalense da época. A profusão das suas atividades culturais, ainda que reguladas pelo regime ditatorial em que se encontravam inseridas, é deveras invejável, quando comparadas com o que sucede nas escolas atuais. As três a cinco peças representadas anualmente, desde 1938, são sintoma do que acabámos de afirmar. Além disso, pensamos que, apesar de regulados pelo conselho escolar, que decidia a representação ou não das peças, os alunos tinham liberdade na escolha das mesmas, podendo mesmo escrever eles os textos a serem interpretados. Reconhecemos, naturalmente, o papel fundamental de diversas personalidades, mas afirmamos que, sem alunos dispostos a realizar as peças, estas não chegariam a bom porto ou ao bom público para o qual seriam representadas. Sabemos que este trabalho aborda um período específico e pontual da vida escolar, mas consideramos que as suas características se arrastam por um período mais alargado, perdurando na memória dos seus espectadores. Lembramos, novamente, que as diretrizes ideológicas do regime salazarista encontram-se presentes em algumas peças, seja devido ao conteúdo – peças de cariz regionalista na sua maioria –, seja devido ao momento criador –, tais como as peças concebidas pela Mocidade Portuguesa. Por isso mesmo, consideramos o teatro escolar como uma arte inserida no regime, no âmbito daquilo que foi designado de “cultura oficial”.

Amorim, Tito Agra (1995). *Encontros de Teatro na Escola. História de um Movimento*. Porto: Porto Editora.

Barata, José Oliveira (1991). *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Correia, António Carlos da Luz (2005). *Na Bancada do Alquimista: As Transformações Curriculares dos Ensinos Primários e Liceal em Portugal (1860-1960)*. Lisboa: Edição do Autor (Dissertação de Doutoramento).

Lucas, Maria Helena (1971). *O Binómio Teatro-Escola*. Lisboa: Mocidade Portuguesa Feminina e Livraria Bertrand.

Neto, Sérgio (2001). "Para o estudo da "Estética Oficial" do Estado Novo. Os prémios de teatro "Gil Vicente" do SPN/SNI (1935-1949)" em *Estudos do Século XX*, 1, 117-155.

Rosas, Fernando (coord.) (1998). *O Estado Novo em Mattoso*, José (dir.). *História de Portugal*, 7. Lisboa: Editorial Estampa.

Santana, Maria José Magalhães (1972). *O Teatro na Escola*. Braga: Edição da Autora.

Santos, Graça dos (2001). "Teatro possível e impossível durante o Salazarismo" em *Estudos do Século XX*, 1, 99-115.

Silva, Ângelo Augusto da (1946). *O Liceu Jaime Moniz*. Lisboa: Tip. União Gráfica.

Sousa, Jorge Moreira de (2003). "Liceu de Jaime Moniz uma escola de prestígio e de qualidade" em *Islenha*, 32, 5-25.

Torgal, Luís Reis (2009). *Estados Novos. Estado Novo*. 2. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Fontes

Silva, Ângelo Augusto da (org.) (1932-1948). *Anuário do Liceu de Jaime Moniz. Anos Letivos de 1931/32 até 1946/47*. Funchal: Livraria Popular.

Silva, Ângelo Augusto da (org.) (1949-1964). *Anuário do Liceu Nacional do Funchal. Anos Letivos de 1947/1948 até 1962/63*. Funchal: Livraria Popular.

Constituições Portuguesas. 1992. Lisboa: Assembleia da República.

Anexo I – Lista cronológica das peças apresentadas.

Ano Letivo	Data de Estreia	Contexto	Nome da Peça	Autor/a
1937/38	4. Jun. 1938	Festa das Solidárias do 1º Ano	<i>Maria da Praça</i>	Alice Ogando
1943/44	12. Fev. 1944	Récita Escolar	<i>A Leiteira de Entre Arroios</i>	Penha Coutinho
1944/45	1. Dez. 1944	Comemoração da Restauração	<i>As Ratas Sábias</i>	
1944/45	1944/45	Récita Escolar	<i>Flor de Chá</i>	José Belchior
1945/46	22. Dez. 1945	Récita das Alunas do 3º Ano	<i>Nem Oito Nem Oitenta</i>	Celeste Morgado
1945/46	22. Dez. 1945	Récita dos Alunos do 3º Ano	<i>Médico à Pressa</i>	William Clode
1945/46	26. Jun. 1946	Récita do Alunos do Magistério	<i>Sonho de Aninhas</i>	
1946/47	1. Dez. 1946	Comemoração da Restauração	<i>Ditosa Pátria, Minha Amada</i>	
1946/47	19. Dez. 1946	Récita do Centro Liceal da MPF		Constança Pereira
1946/47	20. Dez. 1946	Festa de Natal do Magistério	<i>Milagre de Natal</i>	
1946/47	1. Fev. 1947	Récita do Centro Liceal da MPF	<i>Abracão Fraternal</i>	
1946/47	14. Mai. 1947	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Simília Similibus</i>	Júlio Dinis
1946/47	14. Mai. 1947	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Na Ponta da Orelha</i>	Calado Nunes
1946/47	31. Mai. 1947	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>Aquarelas</i>	Eugénia Rego Pereira
1947/48	17. Abr. 1948	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Depois da Ceia dos Professores</i>	Júlio Dinis
1947/48	17. Abr. 1948	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Na Boca do Lobo</i>	Carlos Borges
1947/48	2. Jun. 1948	Récita dos Alunos do 2º Ano	<i>O Doido e a Morte</i>	Raul Brandão

1947/48	5. Jun. 1948	Récita do Centro Liceal da MPF	<i>A Gata Borralheira</i>	Virgínia Gersão
1947/48	27. Jun. 1948	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>Andam Saudades no Ar</i>	Margarida Gonçalves Marques
1948/49	30. Abr. 1949	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Está Lá?</i>	André Brun
1948/49	30. Abr. 1949	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Os Quatro Cantinhos</i>	Eduardo Schwalbach
1948/49	19. Mai. 1949	Récita do Centro Liceal da MPF	<i>Uma Dona de Casa</i>	
1948/49	6. Jun. 1949	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>O Tesouro das Manas Cunhas</i>	William Clode
1949/50	15. Abr. 1950	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Lá Vão Eles</i>	Calado Nunes
1949/50	15. Jun. 1950	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>As Duas Cartas</i>	Júlio Dinis
1949/50		Récita do Centro Liceal da MPF	<i>A Prima da América</i>	
1949/50		Tarde Infantil do Magistério	<i>Bonecos</i>	
1949/50		Tarde Infantil do Magistério	<i>A Avozinha</i>	
1949/50		Tarde Infantil do Magistério	<i>A Lição do Tonecas</i>	José de Oliveira Cosme
1950/51	17. Dez. 1950	Tarde Infantil do Magistério	<i>O Capuchinho Vermelho</i>	
1950/51	17. Dez. 1950	Tarde Infantil do Magistério	<i>Portugal</i>	
1950/51	14. Abr. 1951	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Um Casamento Auspicioso</i>	
1950/51	14. Abr. 1951	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Arte de Ser Cinéfila</i>	
1950/51	24. Mai. 1951	Festa das Alunas do 1º Ano	<i>Quatro Libras por um Quarto</i>	
1950/51	26. Jun. 1951	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>Palavra de Rei</i>	César de Lacerda e Carlos Bramão
1951/52	1. Dez. 1951	Sarau Artístico-Literário	<i>O Caminho é por Aqui</i>	António Couto Viana

1951/52	16. Dez. 1951	Tarde Infantil do Magistério	<i>Branca de Neve e os Sete Anões</i>	
1951/52	21. Jun. 1952	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>Morgadinha da Ponta de Sol</i>	Camilo Castelo Branco
1952/53	7. Dez. 1952	Tarde Infantil do Magistério	<i>História da Carochinha</i>	
1952/53	7. Abr. 1953	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Fidalgo Aprendiz</i>	D. Francisco Manuel de Melo
1953/54	8. Dez. 1953	Tarde Infantil do Magistério	<i>Maria Migalha</i>	Virgínia Lopes de Mendonça
1953/54	20. Mar. 1954	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Auto de Mofina Mendes</i>	Gil Vicente
1953/54	16. Jun. 1954	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>Perdoai-lhe, Meu Deus</i>	Miguel Simões
1953/54	16. Jun. 1954	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>As Ratas Sábias</i>	
1954/55	12. Dez. 1954	Tarde Infantil do Magistério	<i>A Princesinha Mentirosa</i>	Vicente de Abreu
1954/55	14. Abr. 1955	Sessão Garretiana	<i>Frei Luís de Sousa</i>	Almeida Garrett
1954/55	26. Abr. 1955	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Assembleia ou Partida</i>	Pedro Correia Garção
1954/55	11. Jun. 1955	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>Não há Rosas sem Espinho</i>	Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira
1954/55	11. Jun. 1955	Récita dos Estagiários do Magistério	<i>As Duas Gatas</i>	
1955/56	15. Dez. 1955	Tarde Infantil do Magistério	<i>Lili, a Gata Borralheira</i>	
1955/56	29. Jan. 1956	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Quem Desdenha...</i>	Manuel Pinheiro Chagas
1956/57	30. Mar. 1957	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Suave Milagre</i>	Conde de Arnoso
1957/58	1. Dez. 1957	Sarau Teatral	<i>Era uma Vez um Dragão</i>	António Couto Viana
1957/58	15. Dez. 1957	Tarde Infantil do Magistério	<i>O Telegrama</i>	

1957/58	15. Mar. 1957	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>As Sabichonas</i>	António Feliciano de Castilho
1957/58	15. Mar. 1958	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Auto da Lusitânia</i>	Gil Vicente
1957/58	31. Mai. 1958	Récita do Centro Nº 1 da MPF	<i>2 comédias</i>	
1958/59	1. Dez. 1958	Sarau Teatral	<i>A Cigarra e a Formiga</i>	Mocidade Portuguesa
1958/59	14. Dez. 1958	Tarde Infantil do Magistério	<i>A Feiticeira Infeliz</i>	
1958/59	30. Dez. 1958	Festas da Cidade	<i>A Filha de Tristão das Damas</i>	Major Reis Gomes
1958/59	14. Mai. 1959	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>O Meu Caso</i>	José Régio
1958/59	10. Jun. 1959	Dia de Portugal	<i>Auto dos Quatro Tempos</i>	
1958/59		Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Uma Estrela Viaja na Cidade</i>	Papiniano Carlos
1959/60	1. Dez. 1959	Sarau Teatral	<i>Alguma Coisa tem que Acontecer</i>	Mocidade Portuguesa
1959/60	20. Fev. 1960	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Guerra do Alecrim e da Manjerona</i>	António José da Silva
1959/60	20. Fev. 1960	Tarde Infantil do Magistério	<i>A Princesa Adormecida</i>	
1959/60		Centenário da Morte do Infante D. Henrique	<i>Aguarela Azul</i>	
1960/61	1. Dez. 1960	Sarau Teatral	<i>Mocidade Heroica</i>	Mocidade Portuguesa
1960/61	4. Fev. 1961	Tarde Infantil do Magistério	<i>Retalhos da Vida</i>	Alfredo Ferreira de Nóbrega
1960/61	25. Fev. 1961	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>A Bisbilhoteira</i>	Eduardo Schwalbach
1961/62	17. Dez. 1961	Tarde Infantil do Magistério	<i>Um Conto de Natal</i>	Sophia de Mello Breyner Andersen
1961/62	31. Mar. 1962	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Tudo Pode Acontecer</i>	Correia Alves

1961/62	31. Mar. 1962	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Os Malefícios do Tabaco</i>	Anton Tchekhov
1961/62	31. Mar. 1962	Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Mentiroso</i>	Jean Cocteau
1961/62	10. Jun. 1962	Dia de Portugal	<i>Auto do Capitão de Deus</i>	António Couto Viana
1962/63	8. Dez. 1962	Tarde Infantil do Magistério	<i>Condado Fugaz e Atribulado</i>	
1962/63	18. Dez. 1962	Festa de Natal do Magistério	<i>Jesus e os Meninos</i>	
1962/63		Récita de Despedida dos Alunos do 7º Ano	<i>Auto da Justiça</i>	Teatro Experimental do Porto

